

# RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE: ANÁLISE DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS SAÚDE E PREVENÇÃO NAS ESCOLAS (SPE)

Severino Rafael da Silva<sup>1</sup>  
PPGEDU/UFPE  
rafaelsilva.ceel@yahoo.com.br

Carlos André Bezerra de Lima  
UFPE  
andrezinho671@gmail.com

## Introdução

Durante décadas falar de questões ligadas a sexualidade se constituiu enquanto um tabu, “não havia” necessidade de discussão dessas questões e muito menos a necessidade de problematizarmos as hierarquias históricas atribuídas ao gênero masculino. Essa discussão não poderia se dar no âmbito do privado e muito menos do público, por mais que a história grega tenha nos mostrado que em diferentes momentos o desenvolvimento da sexualidade entre iguais, mas ainda com hierarquias de gênero, era algo completamente comum. Assim o caráter de higienismo da vida em sociedade se amplia e além dos espaços públicos de convivência o mesmo se expande para a vida privada e nesse processo de reprodução higienista e salubre perpassa a família e encontra na escola um meio de fortalecimento dada a importância da mesma no processo de controle dos corpos e de manutenção de indivíduos preocupados com as normas sociais e o bem comum.

A educação escolar sempre ocupou um lugar central de um processo maior de dominação das mentes e corpos de todos visando uma sociedade de controle onde as pessoas que recebessem a instrução que lhes eram oferecidas eram tratadas sempre como iguais, mas segundo um padrão heteronormativo de conduta, assim a escola contribui de forma relevante para a consolidação de uma masculinidade hegemônica e consequentemente com outros princípios normativos que pudessem garantir esse princípio de verdade como, por exemplo, a ideia de casamento por amor, assim como a ideia de que as mulheres não cabiam o domínio do público tendo como função o cuidado da família e do espaço privado do lar e consequentemente as atividades domésticas.

---

<sup>1</sup>Bolsita CAPES pelo Programa de Pós-Graduação em Educação no núcleo de Formação de Professores e Prática Pedagógica, Membro do GEFAI (Grupo de Estudos em Formação de professores Arte e Inclusão) e do Coletivo Universitário de Diversidade Sexual Além do Arco-Íris.

Os elementos supracitados salientam um processo de dominação masculina e de forma breve nos mostram o quanto a escola pôde contribuir para a negação das possibilidades outras de vivência da sexualidade e dos papéis de gênero, o que só veio a ser problematizado com o movimento feminista com a teorização sobre o conceito de gênero, quando essas sujeitas colocaram pra sociedade que a supremacia e superioridade masculina não passa de uma construção social e que a ideia de masculino e feminino são invenções o que vai romper a compreensão da mulher enquanto sexo frágil. Nesse sentido Joan Scott (1995) ao teorizar sobre gênero afirma que:

o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter sido uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder no ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas. (p. 88).

A autora deixa explícito o quanto a naturalização das diferenças entre homens e mulheres, com o auxílio de diferentes instituições sociais tais quais a igreja, família e escola contribuiu para um movimento histórico de negações e restrições as mulheres e ainda mais a depreciação de todo e qualquer papel e ou função desempenhado pela mesma, que é tido como menor. Assim acreditamos que no que se refere a negação e reconhecimento das formas outras de vivências da sexualidade se deve ao fato de a principio o homem, enquanto ser superior, se colocar a desempenhar um papel atribuído as mulheres durante o ato sexual.

Em estudo intitulado “Interpretando o Gênero” Linda Nicholson ao fazer um apanhado do conceito de gênero nas diferentes fases do feminismo e em diferentes momentos históricos, nos remete e problematiza à ideia de identidade sexual para além de uma compreensão binária, na qual homem e mulher enquanto sujeitas desse processo tem um num outro o seu ideal, o que por analogia pode ser comparado a ideia de oposto complementar. A referida autora falando do século XVIII afirma que houve uma mudança na forma de compreender a mulher ao afirmar que:

aconteceu a substituição de uma compreensão da mulher como versão inferior ao homem num eixo de infinitas gradações por uma na qual a relação entre mulheres e homens era percebida em termos mais binários, e na qual o corpo era pensado como fonte desses binarismos. A consequência é nossa ideia de “identidade sexual” – um eu masculino ou feminino precisamente diferenciado e profundamente enraizado num corpo diferenciado. (2000, p. 21).

O que nos leva a outra perspectiva de compreensão do que é ser mulher, no entanto ainda mantemos essa concepção atrelada a um determinismo biológico que não inclui, por

exemplo, as mulheres e homens trans, que são pessoas que não estão de acordo com a forma de apresentação anatômica das genitálias que possuem, pois as mesmas não condizem com o que elas e eles são.

Assim, mesmo significando um avanço em termos de possibilidade de inserção feminina no espaço público, se faz necessário uma compreensão mais ampla dos diferentes processos e formas de constituir-se mulher e/ou homem. Nesse sentido, possibilitar aos estudantes o contato com diferentes realidades e incluir as/os diferentes sujeitas/os históricas/os no espaço educacional, garantindo materiais didáticos e pedagógicos que sejam de fato representativos dos diferentes grupos e “minorias” sociais.

### **Gênero, Sexualidade e Educação Escolar**

No desenvolvimento histórico/social da humanidade a sexualidade sempre foi apresentada como um assunto privado e intimamente ligado à vida adulta. Neste contexto percebe-se que as crianças e as instituições as quais elas estão ligadas passam por um período demasiado de dessexualização de suas posturas e atitudes. Tal fato decorre de diferentes forças hegemônicas das demais instituições disciplinares, que detentoras do poder, fazem o uso do mesmo para determinar o que se deve ou não falar, estudar, fazer e conseqüentemente ser. É nesse contexto que são definidos e normatizados condutas e valores binários, onde a expressão de um sexo, condiciona toda a vida dos sujeitos

A educação escolarizada atual em todos os momentos atua como produtora e legitimadora e das convenções sociais estabelecidas. Nesse sentido, Louro (2001, p.58) afirma que: *“A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas”*.

As questões, arbitrariedades e relações de gênero e sexualidade só vêm ser discutidas com maior ênfase a partir da década de 60 com o movimento feminista. Ainda assim não se percebeu nem se percebe uma grande repercussão do tema no sentido de elucidar e ampliar uma nova forma de pensar e assim discutir relações de sexualidade e gênero no âmbito escolar. Tais relações, mesmo sendo inerentes aos indivíduos, na Escola é tratado como algo subversivo.

Em decorrência das transformações sociais, tecnológicas, emergem novas formas de viver e constituir família. Assim como, diferentes formas de construir identidades sexuais e de gênero. A partir desse novo contexto a sexualidade é vista enquanto questão social e política,

estando dessa forma para além dos aspectos pessoais. Uma vez que enquanto sujeitos, estamos continuamente em construção e no tocante as identidades sexuais e de gênero não é diferente, afinal como bem coloca Louro (2000, p. 12) somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes.

A identidade sexual, a sexualidade, assim como a identidade de gênero são apreendidas e construídas ao longo de toda a vida, das formas mais diversificadas possíveis por todos os sujeitos. No entanto é bem perceptível a presença das convenções sociais principalmente no que diz respeito à naturalização ou não de determinadas práticas, afinal somos criados e educados para universalmente usarmos nossos corpos da mesma forma. Cabe, dessa forma, às instituições disciplinares determinar isso.

Louro reafirma a força dessas instituições ao salientar que: *“as identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade”*. Dessa forma os grupos sociais, detentores desse poder, considerados “normais” tem a possibilidade de não apenas representar os outros.

Em outras palavras, estas pessoas passam a ser a referência do que “é” e deve ser considerado certo, comum, natural; não havendo assim espaço para qualquer tipo de conduta diversificada (considerada desviante), que não esteja dentro do que é institucionalizado como natural. O reconhecimento do “outro”, daquele que não partilha dos atributos condicionados que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos.

Dessa forma, cabe a reflexão quanto ao tipo de formação que temos propiciado aos diferentes sujeitos, assim como a análise dos diferentes papéis dos mesmos no cotidiano escolar de forma a possibilitar uma maior e melhor compreensão do outro enquanto sujeito humano, dotado de crenças e valores.

Neste cenário, faz-se mister romper com o paradigma dos gêneros numa perspectiva que possibilite transcender a heteronormatividade que oprime o gênero feminino, e confere-lhe a condição de inferioridade, engessando papéis, produzindo feminilidades e masculinidades. Assim, diversos estudos ao longo de décadas têm apontado para uma compreensão da sexualidade que extrapole os limites do sexo biológico, assim como de todas as determinações que lhes estão implicadas, compreendendo a sexualidade enquanto um elemento da historicidade.

Quando diz que a sexualidade é um dispositivo histórico, Foucault (1988) deixa-se compreender que, em outras palavras, a sexualidade é uma invenção social, uma vez que segundo Louro (2001); “se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o

sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem verdades”. Isso confirma o quanto esse discurso e o estabelecimento dessas verdades estão intimamente ligados às relações de poder, o que é percebido desde as formas como se apresentam às verdades, como às formas pelas quais são representadas e os significados atribuídos às suas experiências. Butler (Apud Miranda, 2011, p.30) vai além e afirma que não só a sexualidade, mas também o corpo é uma construção social e dessa forma discursos sobre o mesmo são instituídos no sentido de normatizá-los. Ela argumenta ainda sobre a importância da desconstrução do sistema sexo/gênero/sexualidade que segundo ela é levado até as últimas consequências pela teoria feminista tradicional. Assim ela afirma: *“é que a teoria feminista tradicional, ao naturalizar os corpos, termina reproduzindo uma inteligibilidade social heteronormativa. Ou seja, em que a heterossexualidade é concebida como “normal””*.

A sexualidade como instrumento sócio histórico é envolto por uma dicotomia bastante relevante, a relação dos domínios do público e do privado, como explicita Parker (1991), o público com o seu perigo eminente, caracterizado pela rua, que é um campo cheio de liberdade, onde o homem que é o chefe da família vai lutar, em oposição do privado, da qual a família e a principal representação, que merece proteção dos perigos da rua, pela sua autoridade tradicional e patriarcal. No entanto, a mulher resta o papel de educar os filhos em tempo integral, na qual a moralidade passa ser o seu foco principal nas relações familiares, caracterizada pela questão da afetividade na demonstração de sua sentimentalidade.

No cenário educacional brasileiro e mundial, muito tem se discutido sobre a importância da inclusão de temas sobre sexualidade e relações de gêneros no currículo dos diferentes níveis da educação, visando uma maior visibilidade dessas questões e mais efetivarmos uma sociedade onde não tenhamos que sofrer com homofobia e opressões ligadas aos gêneros. A partir da pressão dos movimentos sociais várias políticas públicas para a população LGBT tem sido implementadas, no entanto ainda existe uma carência muito grande no que se refere a efetivação dessas políticas públicas, que muitas vezes chegam a ser barradas por fundamentalistas religiosos.

Na esfera da educação alguns esforços têm sido mobilizados para que seja possível efetivar uma educação que possibilite um melhor conhecimento sobre as LGBTs de forma que este espaço se torne um local onde as diversidades de fato convivam. Espaço este onde seja possível educar pelo e para os direitos humanos, onde sejam formadas mulheres e homens conscientes de seus direitos e deveres e enquanto sociedade civil organizada estejam

dispostos a lutar por uma sociedade equânime, na qual não mais tenhamos que ser submetidas a opressões em decorrência de papéis de gênero e/ou orientação sexual.

### **Percurso Metodológico**

A partir dos pressupostos teóricos apresentados anteriormente nos propusemos a analisar uma coleção de Histórias em Quadrinhos (HQs) distribuídos pelo Ministério da Saúde em parceria com o Ministério da Educação (MEC) pelo Programa Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE). Com a análise pretendemos refletir de as revistas realmente congrega a gama de significados que cabe a sexualidade e sugerir mecanismos para que esse material, se torne um nova alternativa de dialogar junto com as jovens sobre os temas referentes a sexualidade e relações de gênero.

Dessa forma, procedemos a uma análise categorial das HQs, com vistas a identificar de que forma estão sistematizado os conteúdos que possam auxiliar o desenvolvimento de uma educação para a diversidade e assim inferir, a partir do nosso lugar de sujeitos pesquisadores e estudantes, em que a utilização desse material pode contribuir para a formação de subjetividades críticas progressistas e se a forma como os temas são abordados estão no sentido de um tratamento igual para todos. As categorias analisadas foram: gênero e sexualidade, com suas respectivas unidades de análise: relações de gênero e identidade sexual. Enquanto respaldo teórico para o desenvolvimento deste estudo nos apoiamos nos pressupostos de Franco (2005).

As categorias gênero e sexualidade foram definidas a priori, pois partirmos do princípio da necessidade da inclusão destes temas em sala de aula, o que nos fez inquietar-se quanto a distribuição desse material para que fosse trabalhados com os jovens nas escolas. Ao discorrer sobre essa forma de definição e/ou criação das categorias, Franco (2005, p. 58) nos diz que: *“Neste caso, as categorias e seus respectivos indicadores são predeterminados em função da busca a uma resposta específica do investigador.”*

Debruçamos-nos então, sobre seis HQs cujos títulos respectivamente eram: “Perguntas e Respostas”, “Todas as Claudinhas do mundo”, “A vida como está e as coisas como são”, “Ficar ou não ficar?”, “Balada” e “Cena de Cinema”.

### **Análise das HQs SPE**

#### **Revista 1 – Perguntas e Respostas**

A revista aborda a questão da diversidade sexual está em constante discussão em sala de aula. Como o respeito a diversidade entre os alunos merece uma atenção especial, na qual a homossexualidade, a lesbianidade e as outras formas de sentimentalidade entre as pessoas. A

questão da proximidade, confiabilidade entre os jovens, medo e insegurança familiar. Informar as variadas perspectivas em relação a sexualidade, as noções de gêneros.

A necessidade de as escolas buscarem interagir com as novas concepções de dinamizar o conhecimento, como abordar temas polêmicos com os alunos, mantendo uma ética profissional. Chegar a mostrar aos jovens a importância de conhecer novas formas de respeito, a diversidade de gênero e dos diferentes tipos de culturas e costumes que coexistem.

#### Revista 2 – Todas as Claudinhas do Mundo

A revista centra a discussão no uso constante do preservativo masculino a camisinha, como a forma mais segura de evitar doenças sexualmente transmissíveis, como também ser o método importante na prevenção da gravidez na adolescência. Traz duas histórias com temas diferenciados, na qual os protagonistas envolvidos em seus contextos, discutem a problemática da juventude que experimenta as novas sensações, amor e responsabilidade, isso gera nos conflitos e permite desenvolver um pensamento crítico acerca da sexualidade. Mostra que o diálogo e a informação é o caminho mais apropriado para que as pessoas tomem conhecimento e consciência de como se proteger das doenças sexualmente transmissíveis, e não as transforme em ameaças a saúde da população.

#### Revista 3 – A Vida Como Está e as Coisas Como São

A revista traz à discussão a gravidez na adolescência e o conflito em conversar sobre esse tema com a família e os amigos. A importância de buscar informar e educar os jovens sobre a sexualidade de forma a torná-los responsáveis pelas suas ações, racionalizar o pensamento dos jovens sobre esta nova fase da vida. Por trazer temas diferenciados na forma de abordar, a pluralidade de contextos e de possibilidade se faz necessária, por compreender variados significados na questão de gênero e sexualidade em nossos dias. As novas formas de educar os jovens nas escolas e na família, na perspectiva que os adolescentes se sintam motivados a descobrir novos temas, novos conhecimentos, em que uma ação coletiva possa surgir e possibilitar a inclusão desses jovens em movimentos de transformação social.

A educação é um meio em que os adolescentes possam conceber exemplos de como agir e de encontrar referências de papéis sociais, para que assim utilizem sua força e se transformem em indivíduos aptos a agir conscientemente em suas ações. Mobilizar os jovens em prol de um protagonismo social, na tentativa de movimentar suas comunidades, as minorias sociais, os estigmatizados, a saírem da condição de oprimidos e ganharem mais espaços de exercitar a opinião com o poder público.

#### Revista 4 – Ficar ou Não Ficar?

A HQ apresenta o interesse de uma rapaz para com uma moça que ele conhece no trabalho e se apaixona. Posteriormente ele desconfia que ela é portadora do HIV, mesmo assim isso não se constitui em uma barreira para a relação, ao menos não pra ele, pois a moça evita-o o tempo todo, mesmo estando envolvida por ele. Na segunda parte a história é apresentada na óptica dela e assim temos acesso o quanto o processo de descoberta e convivência com o HIV é difícil.

Na história não percebemos nenhuma demarcação mais forte de gênero. Não se faz nenhum reforço a estereótipos e ou preconceitos de gênero. As marcas de masculino e feminino não são problemáticas. A história de uma forma em geral apresenta uma perspectiva diferenciada de tratamento a pessoa com HIV e reforça a importância do sexo seguro, independente de orientação sexual.

Não percebemos nenhuma discussão mais enfática sobre sexualidade só é apresentado os riscos em decorrência do sexo sem camisinha e dos problemas enfrentados pelas pessoas portadoras do vírus da AIDS. Como se trata de um casal hetero pode-se colocar como um aspecto positivo o fato de não relacionar a AIDS a homossexualidade (A ideia de grupo de risco) que tanto foi e ainda é propagada. É importante ressaltar a ideia de práticas de risco, que é muito mais inclusiva e não reforça estereótipos no sentido de mostrar que qualquer um pode adquirir o vírus da AIDS, desde que não se proteja.

#### Revista 5 – Balada

Essa história basicamente acontece toda numa boate. O enredo da história apresenta alguns problemas, pois no mesmo as demonstrações de afeto entre homossexuais se dão de forma velada e assim percebe-se ainda algum tipo de resistência em demonstrar uma situação real de paquera entre homossexuais. Na mesma, podemos perceber ainda o reforço de alguns estereótipos como a hiper sensualidade da mulher negra em detrimento da intelectualidade da mulher branca, ou seja, por mais que demonstre uma maior liberdade por parte das mulheres ainda coloca-se de forma enfática essa dicotomia. Ainda ficou bastante clara a ideia do homem enquanto o que chega e tem o domínio da situação, o que pega todas que em situação machista “estão a sua disposição”. Vale ressaltar que apesar dos problemas citados a HQ possibilita ainda uma melhor compreensão do outro ao mostrar que sim, é possível vivermos harmoniosamente com todas as diferenças as quais estamos sujeitas.

#### Revista 6 – Cena de Cinema

Nessa revista são abordadas questões sobre homossexualidade e de forma bem incipiente as personagens discutem questões sobre inclusão social, desde pessoas com

deficiência física, até a questão das travestis que na história é uma professora de educação física. A história apresenta a situação de um casal gay que está saindo com um casal de amigos heteros para ir ao cinema e se depara com olhares de reprovação das demais pessoas e percebem o quanto ainda é complicado lidar com essas questões no espaço público. Em uma das situações os mesmos se deparam com um casal de lésbicas e se questionam sobre a facilidade, ao ver deles, para as meninas expressarem seus sentimentos em públicos sem maiores reprovações. Na discussão eles fazem alusão ao padrão heteronormativo de masculinidade em decorrência do machismo que condiciona os homens a serem mais “duros” que as mulheres, que nesse caso são frágeis e delicadas. Apesar de bastante progressiva a história ainda não rompe tanto com padrões heteronormativos, pois os personagens gays só se beijam no fim da história, após assistirem um filme que também tratava da temática. E mesmo não sendo um tema específico dessa edição, nem das outras, temas como a travestilidade e a transexualidade poderia ter sido melhor explorados.

### **Considerações Finais**

A partir de uma análise geral do conjunto de HQs fica evidente a pluralidade de discursos dentro da temática sexualidade, no contexto social dos jovens que participam do enredo. O material dialoga com o público alvo, faz com que os envolvidos na história observada, interajam com os diversos temas propostos, tais como gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, relações afetivo-sexuais entre jovens de diferentes extratos étnico raciais e sociais, liberdade sexual dos adolescentes, a desvinculação da ideologia do erótico junto a instituições sociais que legitimam a repressão a determinadas formas de comportamento no âmbito da sexualidade

Em Louro (2001), compreendemos que há muitas formas de fazer-se mulher e homem, as várias possibilidades de vivência da sexualidade (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas. Na verdade, desde os anos sessenta o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero vem se tornando cada vez mais acalorado, especialmente provocado pelos movimentos feministas, pelo movimento de gays e de lésbicas e sustentadas, também, por todos aqueles e aquelas que se sentem ameaçados por essas manifestações e a publicação da coleção de HQs Saúde e Prevenção na Escola é uma demonstração do resultado das lutas desses movimentos.

A linguagem verificada nas HQs enquadra-se dentro desta ótica, pois se evidencia várias formas de se pensar o corpo no campo da sexualidade. Utiliza exemplo de como os jovens interagem diferentemente em determinadas situações, e isso implica uma concepção de como tem avançado o diálogo com o tema proposto, devido a pluralidade de ideias e conceitos, observados nas opiniões das personagens. No entanto estudos como o de Silva

(2012) ressaltam os avanços que houveram porém nos alerta para a incipiência do trabalho com esses temas não só nas escolas, mas também nas universidades.

Refletindo um movimento maior da sociedade em torno de preconceitos, a universidade e conseqüentemente a escola acabam por não cumprir uma função educativa/formativa, pautada em ações críticas e reflexivas, de total caráter humano imprescindível para os dias de hoje, nos quais os nossos estudantes encontram uma atmosfera geral menos repressiva do que há décadas atrás, no tocante à sexualidade, permitindo uma maior expressão em sala de aula, o que vai requerer profissionais capazes de contribuir para a boa convivência com as diferentes formas de expressão da sexualidade, problematizando as relações de gênero.

A análise desse material nos permite afirmar a importância e necessidade de um maior aprofundamento sobre os temas aqui discutidos e ressaltar ainda a importância de mais materiais didáticos que possam auxiliar práticas pedagógicas mais progressistas que incluam e deem visibilidade a diversidade em seus múltiplos aspectos que se colocam cotidianamente nos espaços escolares. Problematizar as relações e hierarquias de gênero e as mais diversas formas de expressão da sexualidade é pensar uma educação enquanto um direito humano inalienável, o qual não pode mais ser privilégio das/dos que historicamente foram tidos como normais. Portanto, se faz necessário uma educação escolar que esteja aberta as/aos travestis e transexuais, garantindo a essas pessoas a efetivação desse direito.

Acreditamos que uma formação para e na diversidade é uma formação que contribui para a efetivação de subjetividades críticas, e isso requer também uma maior atenção a formação de professores, para que estes sejam capazes de se compreenderem enquanto sujeitas e sujeitos transformadores das relações sociais em seus diferentes contextos, tornado a educação um fruto libertador do conhecimento das pessoas numa ação coletiva. Dessa forma poderemos, um dia, pensar uma educação não sexista e impulsionadora do fim da homofobia, que infelizmente ainda está tão presente não somente na sala de aula, mas na sociedade como um todo.

## **Referências**

EDUCAÇÃO. **Foucault pensa a educação**. São Paulo: Segmento, nº 3, 2001. Especial: biblioteca do professor.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 2ª edição, Liber Livro Editora, Brasília, 2005.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. **Foucault e a sexualidade**, (pág. 27-- 45). Editora UNESP, 1993.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Editora Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petropolis: Vozes, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Marcas do corpo, marcas do poder**. In. Um corpo estranho Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOYOLA, Maria Andréa. *A sexualidade como objeto de estudo nas ciências humanas*. **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Jorge Zahar Editor, 1999.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v.20, n.2, p. 71-99, Jul./dez. 1995

SILVA, Severino Rafael da. “FORMAR PRA QUÊ?”: UMA ANÁLISE CURRICULAR DE UM CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES. **Anais do Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH**. Volume 1, Número 1. Salvador: UFBA, 2012. Disponível em: [http://www.abeh.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=162&Itemid=96](http://www.abeh.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=162&Itemid=96)

MIRANDA, Marcelo Henrique Gonçalves de. **Magistério Masculino (re)despertar tardio da docência**. Recife: Ed Universitária da UFPE, 2011.

NICHOLSON, Linda. Interpreting Gender. **The Play Of Reason: From The Modern To The Postmodern**, p. 53-76. Cornell University, 1999.

PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. Editora Best Seller. 1991.

PARKER, Richard; PASSARELLI, Carlos; PIMENTA, Maria; BRITO, Ivo. *As pesquisas sociais sobre sexualidade e AIDS no Brasil: entre a demografia e a cultura sexual (1980-2000)*. **Anais de Pesquisa em DST – AIDS**, 1995.